



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Gaiato

Quinzenário • 2 de Maio de 2015 • Ano LXXII • N.º 1856 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Normas de Vida

DAQUI a dois meses irão completar-se cinquenta anos sobre a aprovação das *Normas de Vida dos «Padres da Rua»* pelos Bispos que, à data, haviam enviado sacerdotes seus para servirem na Obra da Rua ou com Casas nas suas Dioceses. Abre o opúsculo das *Normas* com o texto com que as aprovam e abençoam. Faremos, por agora, uma resumida abordagem ao mesmo.

O primeiro referencial para que as *Normas de Vida* apontam, é à própria vida do Padre Américo, na qual ele levou à prática o carisma recebido de Deus para a evangelização dos Pobres. Embora, como costumava dizer, as experiências não se transmitam, quis deixar-nos o seu testamento, que não é mais que a verbalização do fundamento da sua Obra, e que ficou como um espelho ao qual se podem ver os servidores dela, especialmente os «Padres da Rua».

Mas, como referem os bispos na sua «Aprovação e bênção» das *Normas de Vida*, em 3 de Julho de 1965, a vida de Pai Américo não se resumiu aos limites da Obra mas «a sua passagem pelo mundo

foi labareda que lhe queimou o coração no amor dos Pobres e que despertou na alma de muitos, (...), a inquietante preocupação dos outros. Só Deus sabe quantos – sacerdotes, religiosos e leigos – encontraram no seu exemplo, nas suas palavras ou nos seus escritos, a revelação ou o estímulo da autêntica caridade cristã.

E os Pobres «souberam retribuir-lhe na morte a dedicação que lhes consagrou na

vida. O Porto e o País inteiro jamais esquecerão o espectáculo ao mesmo tempo doloroso e triunfal (se é lícito empregar aqui tal palavra) que foi o cortejo que o acompanhou à sepultura. Durante anos inteiros, primeiro em Coimbra e depois em Paço de Sousa e mais ou menos por todo o País, ele foi o «recoveiro» dos Pobres, visitando-os nas suas casas, atendendo-os nas suas necessidades, tomando à sua conta as crianças sem família ou em perigo moral».

Toda esta envolvimento da Obra da Rua não desfoca «o objecto principal e total da Obra» que é o rapaz, como diz no seu

testamento. Como refere o texto dos Bispos na sua Aprovação, «na educação das crianças o Padre Américo foi um pedagogo que honra a gloriosa tradição da Igreja nesta matéria. Nele o amor e a intuição levaram-no a descobrir o que noutros seria fruto da reflexão e do esforço. O carácter educativo do trabalho, a importância do espírito de iniciativa e do auto-governo (quando deixado à idade e à capacidade do educando), o sentido da responsabilidade, a promoção dos valores humanos e a selecção dos que se revelam mais capazes – tudo isto, realizado de uma maneira extremamente simples e animado por uma esclarecida formação religiosa, que não se impõe de fora, mas vai ao encontro dos apelos espontâneos mais ou menos latentes na alma dos jovens, fez do Padre Américo um grande mestre da pedagogia cristã».

Continuam. «Não é de esquecer a obra do doente incurável à qual ele deu o nome significativo de *Calvário*. Toda a compensação humana se encontra arredada desta tarefa. Por isso a obra do *Calvário* constitui a expressão mais pura da fé do Padre Américo e dos seus continuadores».

Por fim, sublinham o seu dizer-se e ser da Igreja, pois dela procurava, antes de mais, o sinal explícito para responder aos apelos dos Pobres: «Nunca o Padre Américo, no

Continua na página 4



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O *Património* comprometeu-se com tantas obras que agora, enquanto não acabar estas, não abre mão a outras.

Se a gente promete, tem de cumprir. Não posso prometer, prometer e, depois, mesmo por válidas razões, não cumprir. Não senhor. O *Património* é Obra de Deus. Não é minha, nem de ninguém. É de Deus! E Deus não pode faltar, sujeito como está, neste caso, às nossas forças e capacidades.

A miséria é tanta e as necessidades tão vastas que, às vezes, estamos sujeitos à tentação de virar as costas, tão desiludidos de não chegar, em muitos casos, a soluções definitivas. São tantas as pessoas a bater à porta que, por vezes, me sinto afogado.

Não sei como isto vai acabar. Ou melhor, sei que os pobres nunca acabarão e que o seu serviço é obra divina para ser continuada, seja por quem for.

Foi assim nos séculos passados. O Evangelho brilha, não tanto naqueles que o pregam e celebram os Mistérios da Salvação, como, sobretudo, naqueles que

o realizam, todos os dias renunciando a si mesmos, seguindo o Mestre, sem cansaços nem desânimos, avigorados pela força do Espírito.

A situação miserável de algumas famílias é quase uma doença congénita. Os filhos nascem na miséria, crescem na miséria e, dada a fraqueza humana, habituam-se a viver miseravelmente. São poucas, infelizmente, as excepções.

O Estado devia ter aqui também a sua palavra. É salutar que force nalguns casos, que obrigue a trabalhar aqueles que não se atiram à vida, porque não querem.

Têm-me aparecido mães de família que já ajudei de muitos

modos, a rogar-me um auxílio para pagar à segurança social porque lhe cortaram o R.S.I..

Às vezes, estes cortes baseiam-se em dados irrealis.

É sempre, como regra geral, condição indispensável, um exame ao local e à família e nunca um despacho meramente burocrático. Uma resolução assente apenas em papéis, corre o risco de ser injusta.

Os pobres podem ser réus, nunca vítimas. Se é aplicável o princípio jurídico “*Na dívida o réu deve ser favorecido*”, muito mais se o réu é pobre.

Mas quando as pessoas não querem mesmo, também não há alternativa.

A falta de trabalho não especializado é uma realidade agudíssima.

Continua na página 3

PENSAMENTO

Pai Américo

Acredita na força estupenda da Verdade. Vive dela, que convences e vences. Grande coisa é fazer e dizer! O criado dos Pobres que escreve estas regras, curva-se, fervorosamente, diante dos senhores que o escutam.

in *Pão dos Pobres*, vol. III, p 84.

BENGUELA

Padre Manuel António

Homens de amanhã

RECONHECER aos pobres o direito a receber o pão da sua vida é comprometer-se, até ao fim, com as exigências do amor verdadeiro. Por esta via, sentir-nos-emos um irmão dos mais pobres entre os homens. Os filhos abandonados batem, constantemente, à porta do nosso coração. É por isso que nos sentimos comprometidos, até ao dom da nossa própria vida. O testemunho duma solidariedade total com os mais pobres de sempre, é uma condição essencial da nossa existência, neste período histórico. Quem dera que o teu coração esteja aberto a esta chamada!

Hoje, de manhã, tivemos a nossa reunião habitual dos chefes da nossa Comunidade. O sentido da nossa responsabilidade pelos outros foi o tema central da reflexão. Pai Américo, ao escolher o lema da vida nas Casas do Gaiato, pôs o acento tónico no dinamismo participativo dos próprios rapazes. A vida, na Casa do Gaiato, é *Pelos Rapazes*. Quer dizer que os chefes da Comunidade têm uma grande responsabilidade, junto dos seus irmãos. Haverá tanto mais progresso humano, a nível de toda a Comunidade, quanto mais comprometidos estiverem os chefes. Deste modo, estamos na presença duma verdadeira escola de humanidade. Na dimensão da vida social, tendo em conta os mais necessitados, as crianças abandonadas, ponhamos também o nosso coração disponível para dar toda a ajuda possível. Ao escrever estas Notas, estou a lembrar-me do que aconteceu, durante a refeição, algumas horas antes: Alguém chegou, meteu a mão no bolso, tirou um pequenino volume, embrulhado num papel e pô-lo nas minhas mãos. Era uma ajuda para a nossa vida. Nestes gestos, aparentemente insignificantes, esconde-se a grandeza dum coração. Viver o amor mútuo, até ao limite extremo, deve ser o ideal a nunca perder de vista.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«MAIS VALE PREVENIR DO QUE REMEDIAR» — Não trazemos para aqui, todas as quinzenas, “casos” novos ocorridos na nossa Conferência. Só o fazemos quando eles acontecem e vale a pena serem aqui reportados. Isto não quer dizer que estejamos parados. Acompanhamos e cuidamos das situações onde somos precisos e onde o fazemos, há já algum tempo. Continuamos, também, a estar atentos a situações novas que possam surgir e onde essa nossa ajuda for precisa. Não havendo “casos” novos relevantes a assinalar em cada quinzena, pode significar que o que se vai fazendo por nós e por outros que estão neste trabalho vai contribuindo para que não se agravem situações problemáticas, quando elas surgem, e evita que essas situações atraiam outras. Por isso, o não acontecer nada de novo em termos de “casos” problemáticos não tem que ser sinónimo de não se fazer nada para os prevenir, ou remediar. Que Deus nos perdoe se isto for presunção ou se nos estiverem a escapar situações onde podemos e devemos ajudar, mas procuramos estar atentos a elas.

Esta questão, de se estamos a fazer nada ou não, veio-nos à ideia noutras andanças “sociais”, onde contactamos com a população de reclusos de um grande estabelecimento prisional da região. Sem haver aqui determinismos, são bem patentes, em muitos desses reclusos, as marcas do contexto familiar e social em que nasceram e cresceram e as situações de emergência social por que passaram e que contribuíram para irem parar à cadeia. Se nessas comunidades, donde esses reclusos são oriundos houvesse mais pessoas e organizações atentas à situações de emergência e exclusão social e a intervir para as combater, talvez alguns desses reclusos hoje não estivessem na situação em que estão. Observar esses reclusos traz-nos à ideia as pessoas que foram vítimas dos seus crimes, mas também o facto de que, eles próprios e as suas famílias, são vítimas. Muitos deles são novos e estão ali a queimar a sua juventude. Quando dali saírem, o estigma de terem sido reclusos vai pesar-lhes muito para o resto da vida. Muitos deles têm filhos, alguns de tenra idade, que também ficarão marcados para sempre pelo facto do seu pai ou da sua mãe ter estado na cadeia. Nos pais e nas mães que os visitam nota-se a marca de ter um filho nessa situação.

Os reclusos que o são muito por influência das situações de emergência e de exclusão social donde são oriundos, são o resultado do que se não fez para estar atento a essas situações e para as combater, lá onde elas ocorrem e nas famílias onde ocorrem.

As Conferências Vicentinas tentam ser um olhar próximo, atento e interventivo nestas situações. Por isso, mesmo que o seu contributo possa ser muito modesto, remedeiam no que podem, mas também ajudam a prevenir que as situações de marginalidade e exclusão social se alastrem, ou seja, contribuem, mesmo que possa ser pouco, para que não haja novos “casos” a reportar todos os dias neste domínio. Em certos casos, esse pouco, se não existir na hora e no sítio próprios, pode fazer muita falta, como, talvez, aconteceu com alguns que hoje estão na cadeia.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

É já longa a nossa falta de comunicação. É certo que a actividade tem sido pouco intensa, mas temos acompanhado um dos nossos associados que mais necessita de ajuda. Colaborámos nos preparativos e celebrações das Bodas de Diamante, 75 anos da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Damos conhecimento de que o nosso encontro anual, este ano, realizar-se-á mais cedo, em 14 de Junho.

A nossa Associação comemorará 30 anos de existência, pelo que fazemos especial apelo, que todos os associados façam o possível para marcar presença, contribuindo com o entusiasmo devido, a fim de fazermos uma numerosa e animada convivência festiva. Mais próximo da data do encontro daremos pormenores do respectivo programa.

O tema principal deste contacto, através do nosso O GAIATO, é dar a conhecer a forma como vamos recordar o décimo quinto aniversário da partida do nosso Padre Horácio, para o reino dos que terminaram a passagem por este mundo. Assim, sendo a data de aniversário a 6, faremos a homenagem no Domingo seguinte, ou seja, no dia 10 de Maio.

O programa constará de Celebração Eucarística/Missa às 10:30 horas, na igreja de Lentisqueira/Mira, celebrada pelo senhor Padre Manuel Mendes, responsável pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Seguir-se-á a romagem ao cemitério, onde faremos uma breve Oração e a deposição de flores na campa do nosso saudoso Padre, educador, mestre, amigo e Pai.

Após a homenagem, deslocar-nos-emos à casa da Praia de Mira onde faremos um almoço partilhado. Lembramos que estarão presentes os gaiatos residentes em Miranda, pelo que será necessário reforçar os farnéis para que ninguém parta com fome ou sede no regresso.

Contamos com a tua presença. Se tiveres dificuldades de transporte, contacta-nos 239 444 082, faremos o possível para ajudar. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

VISITA — As crianças do 6º ano da catequese de Gandra — Paredes, vieram visitar-nos. Quando chegaram foram conhecer a nossa Aldeia. Depois participaram na nossa Eucaristia de Domingo. A seguir ao almoço foram jogar futebol com alguns dos nossos Rapazes. O convívio terminou com um lanche entre as crianças e os nossos Rapazes.

BIBLIOTECA — O estudo dos Rapazes faz-se na Biblioteca. Lá temos um responsável, que é o Jesus, para que não haja brincadeiras. Todos nós temos o dever de o respeitar, como o nosso chefe responsável. Na Biblioteca temos os livros em prateleiras, tudo bem organizado. Cada livro tem uma ficha no computador, para estar bem identificado.

POMAR — Os nossos «Batatinhas» gostam de ir dar de comer às nossas galinhas e patos que temos no galinheiro do pomar. Sempre que há restos de comida, lá vão eles levar para o galinheiro. Os «Batatinhas» sempre gostaram muito de ver os animais.

CALVÁRIO — O nosso Padre Rafael, da nossa Casa do Gaiato de Malanje, veio estar algum tempo com o nosso Padre Baptista no Calvário. Aproveitou para matar saudades comigo, que estive na Casa de Malanje. Foi uma grande felicidade o encontro. Fiquei satisfeito que o Padre Rafael viesse estar algum tempo em Portugal.

MÚSICA — Alguns dos nossos Rapazes costumam ter música. Eles aprendem a tocar instrumentos e as notas musicais. É preciso que aprendam para virem a tocar nas celebrações da nossa Capela. Por agora o Pina toca guitarra na nossa Celebração e outros Rapazes cantam juntamente com ele. É preciso que haja mais músicos e cantores. □



MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Aproveitando a lua nova, a 20 e 21 de Abril, o tempo permitiu plantar um campo de batata e semear outro de milho grão, na nossa terra dos grilos (campinho), em que se pôs estrume e adubo. Nos campos de aveia, este cereal vai crescendo. Temos debulhado do nosso milho grão para dar de comer ao gado. Na nossa horta, a 22 de Abril, plantaram-se tomateiros, mais alfaces e semeou-se feijão. Raparam-se as ervas daninhas do pomar de tangerineiras. Compraram-se e plantaram-se, atrás das nossas oficinas, mais 250 láureos, para formar uma sebe de protecção. As nossas ovelhas pequenas estão boni-

tas. Comprou-se um casal de leitões, para criar na nossa pocilga. Para o nosso galinheiro, compraram-se 21 frangos de carne; e as nossas galinhas poedeiras têm posto cerca de dúzia e meia de ovos por dia e passaram a estar durante o dia também no quinteiro. Arranjámos um casal de canários para uma gaiola na nossa passadeira.

VISITANTES — A 18 de Abril, de tarde, veio visitar-nos um grupo de catequese da Paróquia da Lousã, com a sua partilha e amizade, que agradecemos. No dia seguinte, Domingo, de Árvore, Vila do Conde, num autocarro próprio, viajou até nós

o grupo de jovens dessa Paróquia, que trouxe uma generosa campanha de bens alimentares, visitaram a nossa Casa e conviveram connosco, dando uns bons chutos na bola no campo grande. Bem-hajam!

CATEQUESE — Os Rapazes que desejam fazer a Primeira Comunhão e alguns ser baptizados, foram chamados no final da Missa do Domingo da Divina Misericórdia, 11 de Abril, pelas 10 horas, para responderem livremente: Sim! As horas da Eucaristia e da Catequese e a vida quotidiana são importantes nesta caminhada, em que Deus ajuda se cada um quiser. Boa preparação! □

«À VISTA DELES...»

Padre João

JESUS Ressuscitado transmite à Sua Comunidade um amor seguro, sponsal, humaníssimo, feito de proximidade: «Rapazes tendes alguma coisa para comer?» Jesus via na cara dos seus discípulos, ainda não refeitos da tragédia de Sexta-Feira Santa, que o medo e a desilusão haviam tomado conta dos seus dias e do seu viver.

A grande questão era esta: «De que lado está Deus? Do lado da vida ou da morte?». Tudo parecia desabar. Aquele que dera vista ao cego, fizera saltar o coxo, ouvir o surdo e cantar de alegria o mudo: «Deus estava ou não com Ele?». A dúvida e o medo tinham-se instalado. A perscrutação das Escrituras foi a chave de acesso: «Não tinha o Messias de sofrer para entrar na Sua glória?».

Uma posta de peixe assado; um leve aceno de mão ou de alma à cabeceira de um enfermo, um sorriso de criança, um sonho de jovem, podem ser «sinais vitais» da presença do Ressuscitado e um *leitmotiv* para nos voltarmos a reerguer da letargia. Apóstolos «desta» páscoa precisam-se! Nos grandes Centros e nas Periferias: «Quem vem acender faróis na costa do mar bravo...?! És tu Homem de Fé; és tu Mulher de Esperança!».

«Uma posta de peixe assado que Jesus começou a comer à vista deles...».

Quantos não se escondem ou trancam as portas para não serem incomodados. A Páscoa do Senhor é um convite a escancarar as portas. Só temos o que partilhámos...! Não somos donos de nada, nem de ninguém. Teremos, mais tarde ou mais cedo, que deixar tudo. Temos que lutar, sem tréguas, contra a cultura que preconiza: «O “outro” rouba-me...». Cultura iníqua e diabólica! Sem conversão global continuaremos a assistir a tragédias humanas, como a recente no Mediterrâneo e outras ao pé da nossa porta.

«À vista deles...». Para purificar o nosso coração do medo e da mediocridade; das falsas seguranças em que facilmente nos aninhamos...

De novo, «à vista deles...», nas águas baptismas, no perfume da unção sagrada do Santo Crisma, na Eucaristia, *Shalom* que brota incessantemente e de forma inesgotável do «Seu Lado aberto» para, num movimento de amor eterno, nos reconduzir ao Pai e aos irmãos.

«À vista deles...», para purificar o olhar do nosso coração doente, pela soberba e pela avareza.

«À vista deles...», para nos tornar testemunhas e herdeiros de um amor eterno que, entre nós, só encontra paralelismo singular no amor maternal, das nossas mães e no amor conjugal dos esposos. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Monchique

UM grupo de cristãos das Paróquias de Monchique, Casais e Marmeleite promoveram uma visita à Casa do Gaiato de Setúbal e vieram com alegria, num autocarro da Câmara de Monchique, visitar-nos, em Domingo de Pascoela.

Há várias décadas que não desenvolviam este evento e alguns elementos ainda recordavam as agradáveis impressões, a firmeza que lhes provocou na fé e o bem que lhes fez à alma.

O fermento desta acção nasceu nalguns assinantes, na recordação de uma homilia e peditório feito por mim na Igreja Paroquial e no facto de termos tirado daquelas freguesias quatro rapazes em péssimas circunstâncias, os quais todos se fizeram homens.

O Tempo Pascal espicaça-nos o desejo de ver sinais de Cristo Vivo e conviver com testemunhas da Ressurreição. Foi esta avidez que impulsionou as pessoas, a

organizarem-se, a pedir transporte camarário, a juntar esmolas – cerca de 500 euros – a fazer confeitarias regionais destinadas a partilhar com os nossos rapazes e a sacrificarem-se numa viagem tão longa de autocarro.

O grupo era comandado por uma leitora e assinante d'O GAIATO, e composto de gente nova, de meia-idade e mais anciã. Todos irmanados no desejo de conhecer a Casa do Gaiato ou reviver saborosas lembranças.

Como era Domingo e a viagem demorada, não era possível participarem na Eucaristia conosco às 9h30. Então, dispus-me a celebrar a Santa Missa quando chegassem e pedi a alguns elementos mais destacados do nosso coro que animassem a celebração, a qual terminou com a leitura, feita por mim, dos 32 quadros que decoram a nossa Capela e nos embelezam o Espírito.

Como as Senhoras continuam doentes, solicitei ao grupo da cozinha que confeccionassem um caldo verde para oferecer aos

visitantes. Logo, foram apanhar as couves à nossa horta e deliciaram-nos com o caldo.

Mais. Os rapazes puseram-lhes a mesa com loiça de barro, copos de vidro e guardanapos brancos, o que me encheu de alegria e estupefacção ao contemplar a sala, revelando o acolhimento dos rapazes.

As pessoas traziam a sua comida, mas o caldo verde abundante equentinho, não só os consolou, como lhes deu um sentido mais profundo da Casa do Gaiato.

Alguns dos mais novos quise-ram ainda ver as cinco casas e os quartos dos rapazes. Outros, espalharam-se pela quinta, a observar a horta, os pomares, o vigoroso batatal, as favas e as ervilhas e, sobretudo, a enorme extensão de forragens verdes. Outros, sentiram-se atraídos pelas vacas e vitelas e galinhas; outros ainda, prenderam-se aos porcos e ninguém arredava da contemplação dos bacorinhos a mamar nas progenitoras.

VINDE VER!

Padre Quim

Obrigado Dom Luís María

A sua morte surpreendeu a Igreja e toda a sociedade angolana, de modo particular a Arquidiocese de Malanje, onde era Arcebispo Emérito. Os cristãos reagiram com fé e oração, confortando-se uns aos outros na esperança da ressurreição, diante do vazio que deixou o pastor ao seu rebanho, a quem dedicou, durante mais de cinquenta anos, a missão de pastor e servo de Deus, tendo feito da sua vida um dom para todos, para ganhar o maior número de filhos e filhas que andavam errantes para o Reino de Deus.

Tendo deixado a sua terra, chegou a Angola como missionário no longínquo Agosto de 1957, vindo de uma família profundamente cristã de Vitória, Reino de Espanha: donde saíram para a Igreja quatro sacerdotes e três irmãs religiosas consagradas. Trabalhou nas missões de Malanje com grandes obras sociais que tornaram o seu ministério muito querido do Povo. Começando por abrir as portas da Catequese para ensinar a doutrina do Pai do Céu e as das Escolas para a promoção da dignidade do homem e dos seus direitos inalienáveis. Tornou-se num grande apóstolo de Cristo.

Em Luanda, foi pároco da Igreja de Nossa Senhora das Graças, director espiritual no Seminário Maior de Luanda e de Noviciados religiosos. Grande promotor da Doutrina Social da Igreja, da formação do homem e da descoberta dos valores cívicos, do amor aos pobres e do sentido da personalidade cristã. A vinha do Senhor, que é a Igreja, fica mais pobre, com a partida deste incansável

trabalhador da lavra do Senhor, mas ganha um intercessor junto de Deus.

No testemunho que deixou à Igreja, quando passou à condição de Arcebispo Emérito dizia: «*Aqui comecei a minha missão, aqui termino a minha missão, mas estarei aqui junto do rebanho, como fiel pastor, até ao fim...*», assim aconteceu.

Dom Luís María esteve toda a Quaresma hospitalizado, num verdadeiro Retiro de mais de quarenta dias, lutando pela saúde que se tinha agravado. E em plena Sexta-Feira Santa, na hora em que o Salvador do mundo disse no Calvário que tudo estava consumado, Dom Luís María adormeceu na paz eterna.

O governo da província decretou tolerância de ponto. No dia do seu funeral, cristãos e não cristãos pararam para acompanhar o Pastor à sua última morada. A nossa carrinha, cheia de rapazes, acompanhou o cortejo fúnebre, a Obra esteve presente.

Grande amigo da nossa Obra através da nossa Casa de Malanje. Quando em 1998 foi ordenado Bispo da então Diocese de Malanje, nutria um grande amor pelo Gaiato e passou a visitar-nos com frequência, aos domingos, para nos confortar e tomar um café da nossa Aldeia, oferecido pelo Padre Telmo.

Nessa altura, o meu trabalho era o de servir à mesa do refeitório pequeno, a chamada “salinha” dos nossos tempos de gaiato. Depois de servir o café, ficava para escutar a conversa e sempre me marcou a simplicidade com que o nosso Arcebispo encarava os factos, com uma tal humildade

inacreditável, para o seu cargo eclesiástico, e grande sentido de humor.

Homem de elevada fé cristã e um verdadeiro pilar na busca da paz e dos valores morais. Preferiu o desprezo dos grandes daquele tempo, para defender a dignidade dos mais pobres.

No ano de 2001, dias antes da minha entrada no Seminário Maior de São José, Padre Telmo aconselhou-me a ter uma conversa com o Bispo, para lhe dizer que o menino que servia o café, aos domingos, quer ser padre e se concordava que, depois da ordenação, me enviasse para onde saí, para junto dos meus irmãos. Como «padre da Rua».

Recebeu-nos com muita alegria e simplicidade, não faltou o seu humor, olhou-me com um sorriso paternal e disse-me: «*Ainda tens de comer muito feijão*». Para dizer que tinha de passar dez anos seguidos e alegres dentro do Seminário. Era o meu entusiasmo crescente, não fazia ideia desse longo processo vocacional. Falava da ordenação sacerdotal, antes de ir para o Seminário. E quando chegou a altura da minha ordenação, o Senhor Bispo Dom Luís María disse-me: «*Agora, sim... agora, sim...*», recordando-se da conversa de há dez anos atrás, e pronunciou no acto do envio estas palavras, na Catedral de Malanje: «*A nossa Diocese é pobre, necessita de sacerdotes para levarem o Evangelho às missões mais distantes, mas damos da nossa pobreza à Obra da Rua, que é mais pobre*».

Dom Luís María morreu como viveu, lutando em silêncio e com um sorriso nos lábios.

E termino como comecei: — Muito obrigado Dom Luís María. Descansa em paz! □

O ambiente que rodeia e faz a Casa do Gaiato, encheu-lhes a alma de gozo e deslumbramento.

Que voltem, que esta iniciativa desperte outras comunidades cristãs, a fazerem o mesmo.

Daqui, guiei o grupo às Irmãs de Calcutá, onde beneficiaram também da observação próxima daquelas mulheres que, silenciosamente, consagram a sua vida a cuidar de crianças deficientes, pobres e sem família, com Cristo vivo no coração.

Gatinhos

AS nossas gatas pariram e o Bita deixou uma cria a cada uma.

E escolheu, não o sexo, mas a beleza exterior do animal. Verdadeiramente são muito lindos os mimosos felinos. Um é branco escuro, com rabo e orelhas cinzentas, o outro, tem o pêlo da cor dos tigres.

Os rapazes arranjaram-lhes um açafate redondo, com uns trapos, onde os gatinhos se aconchegam na lareira da sala de jantar. Quando chegam das aulas, há sempre um grupo que se debruça e até se ajoelha para admirar mais proximamente os micro animais, os agarrar, unir à cara e ao peito, num desejo incontido de lhes dar carinho.

É tão belo e reconfortante observar estas cenas.

A vida animal entra por eles adentro, instintivamente, sem darem por isso. Até as Senhoras que, de graça, nos vêm ajudar nos primeiros dias da semana, se prendem a olhar para os felinos

bebés, atraídas pelo seu encanto e beleza.

As lições da natureza pura são sempre as mais perceptíveis, equilibrantes e salutares.

Aqui há anos, um saca-rabos entrava todas as noites no galinheiro e chupava a cloaca das galinhas, matando por noite duas ou três.

A senhora andava desanimada. «*Não vale a pena criar galinhas. Vou matar as que restam. Ou se descobre por onde entra o bicho, ou acabo com elas.*»

— Sabes qual foi o remédio das galinhas e da senhora?

— Foi uma gatinha. Pôs-se lá uma gata, que se habituou ao galinheiro, e o saca-rabos desapareceu. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

ma, que afecta sobretudo os mais ignorantes e os desabitados.

A deseducação inveterada para o trabalho tem décadas de sedimentação na cultura popular mais baixa, veiculada pela comunicação social menos esclarecida, mais partidária e demolidora dos valores humanos.

Continuo a pagar receitas, rendas, creches, água, gás, luz, etc... e a distribuir mobílias e todos os electrodomésticos que me dão ou compro. □

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Abril,
22.650 exemplares

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

Na reunião dos chefes, nesta manhã, foi tratado um assunto essencial, relacionado com o aproveitamento escolar dos filhos que estudam nas escolas exteriores. Acontece que, se não houver um acompanhamento muito regular, as consequências, no fim do ano, podem ser desastrosas para alguns. A tentação das faltas à escola é terrível. Por isso, dentro do serviço da corresponsabilidade, a missão do acompanhamento escolar é confiada a um ou outro chefe. Quando há um verdadeiro empenho, os resultados são consoladores. De contrário, há também falhas grandes. As reprovações por faltas escolares são muito tristes e fazem-nos sofrer, pelo mal que produzem por culpa do próprio filho. Os pais, com certeza, têm esta experiência nos seus filhos. Vamos tentar lutar contra este mal. Com todas as possibilidades dos próprios chefes, devidamente acompanhados, estes filhos têm, diante de si mesmos, a porta aberta para altos projectos, como é a frequência da Universidade, na medida em que merecerem. Vamos, pois, cada um na sua missão específica, avançar para a frente.

É extraordinariamente consoladora a felicidade dos mais pequeninos. Com muita ternura recebem todo o amor possível. Correm, em momentos do nosso dia, à busca dum beijo. Sem dúvida, tudo será feito para que estes filhos pequeninos cresçam, ao calor de toda a ternura e carinho possível. Vemos neles os homens da sociedade de amanhã, marcados pelo equilíbrio que lhes foi semeado pela família da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Queremos ajudar cada rapaz a ser um homem válido para si mesmo e para a sociedade. Vamos viver o amor mútuo até ao limite extremo. Proposta admirável! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

À noite, quando saio do escritório, há pássaros a cantar que arrastam o seu falar alto. Conheço-os do campo. São grandes, cinzentos, com um brilho verde-metal na parte superior das asas. Andam à volta da limpeza dos galinheiros, entranhando o seu bico longo até apanharem os bichinhos que ali crescem. Agora falam alto para o silêncio da noite. Lá longe, na lagoa, alguns sapos se ouvem. Nas casas não há o mínimo barulho dos Rapazes. Dormem profundamente o primeiro sono.

Quedo-me a contrastar o silêncio com o barulho dos pássaros e penso. A estas horas devem, eles e as aves, estar contentes, de papo cheio e estão a dar graças a Deus, sem dar por isso. Penso no como tiveram alimento que os satisfaz. Felizes. Há dias em que deço cansado, após uma ida à cidade, à procura do sustento para os meus e não venho satisfeito, porque não chega a nada o que trago.

Como é diferente. A eles Deus põe a mesa da abundância, sem

mais que o trabalho de debicar no chão o que precisam. Felizes à sua maneira e Deus com eles. Comigo nem sei o que pensar, porque se a Fé não alimenta é porque não basta.

Diz o povo da minha terra que Deus disse: “*trabalha que eu te ajudarei*”. Se não ajuda, não é porque não trabalhe, mas talvez e só porque a Fé não chega. Que me falta? Mais fé certamente. Mas continuo a duvidar de mim mesmo. Por vezes, até digo que as pessoas são insensíveis à marginalidade das crianças da rua, à extrema pobreza, numa desproporção abissal para alguns. Há revolta em mim e Deus ensina-me a misericórdia e o perdão aos inimigos. Se os conheço, nem chego a vê-los. Como hei-de perdoar? Não estou em paz. Reconheço que o mal está na minha alma.

Se Pai Américo chamou à Casa do Gaiato *Santuário de almas*, sou culpado de não merecer a Bênção de Deus para a minha Casa, nem para mim. Por outro lado penso

em tantos amigos que estão conosco.

Ceguei de uma reunião na *Accentury*, empresa de assessoria, que com outros amigos de Bancos e Advogados estudam graciosamente a valorização do nosso património, incluindo direito de exploração da terra, imobiliário, equipamentos agrícolas e oficinais, que bem estudados e valorados correctamente nos podem garantir a subsistência para os duzentos e vinte Rapazes que aqui crescem, aqui se estruturam humanamente e daqui saem todos os anos com mais valias, não só para suas vidas de trabalho, mas para um país que os rejeitou e nunca se doeu com eles. É caso para lembrar Pai Américo: nós somos técnicos do amor, base estrutural da educação do rapaz. Mas a ciência vem em nosso auxílio. Sem ela não valemos nada. Que digo eu meu Deus! Tanta ajuda, tanta amizade que só pode vir de Vós. Eu creio em Vós e a ciência é emanente de Vós e Amor é o Vosso nome. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Deixemos vir as crianças

OS trágicos naufrágios no Mediterrâneo, em que têm perecido centenas de vidas indefesas, imigrantes e refugiados a conflitos no Médio Oriente e em África, estão a picar cada vez mais a consciência de uma Europa à procura de rumo, como que em queda civilizacional. Para além deste topo da actualidade, em Portugal vem-se debatendo o decréscimo da natalidade, cujo vazio é inquietante, pois têm nascido cada vez menos crianças nos últimos decénios, o que terá a ver com condicionalismos económicos e sociais, com o projecto de vida dos jovens e com o aborto. Também, o risco de pobreza de mais de seiscentas mil crianças e jovens vem deixando o sistema português de protecção de menores em ruptura, e há centenas de crianças à espera de medidas protectoras. A discussão nesta questão tem chegado ao papel das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens, cuja acção não pode ser negligenciada. É invocada a falta de meios humanos, havendo zonas com mais dificuldades, como a Amadora, em que o volume processual é enorme. Ainda, em 2014, mais 8470 crianças e adolescentes ficaram em situação de acolhimento. Os casos são mais graves e têm aumentado os problemas de comportamento e de saúde mental. Por outro lado, os jovens portugueses são dos que saem mais tarde de casa dos pais.

Este relance de alguns dados preocupantes sobre a fragilidade social, nomeadamente dos mais novos e das famílias, colocam-nos diante do sofrimento dos filhos e das filhas deste tempo, do acompanhamento dos seus pais e outros educadores, cujo clamor é perturbador. Uma criança nunca é um erro, no dizer do Papa Francisco. É enganada, quanto ao seu futuro, anda qualquer sociedade que afasta as crianças e despreza as famílias constituídas, no seu núcleo, por um homem e uma mulher que, livremente, aspiram a transmitir a vida humana e a criar os seus filhos. O verdadeiro discípulo de Jesus tem de botar bem os seus olhos e empenhar a sua vida no solene aviso do Mestre: *Deixai vir a Mim as crianças e não as impeçais, pois delas é o Reino dos céus*.

Assoberbados por conferências judiciais de menores, mesmo assim tem-nos sido possível calcorrear zonas de exclusão social e encontrarmos-nos com pobres de bairros com problemas habitacionais e condições de vida degradantes. Torga diria que *dá vontade de chorar, ver tanta irreflexão* nas promessas enganosas diante de realidades dolorosas. Quando as leis e a sua aplicação prática não conseguem proteger de verdade os mais fracos, como as mães que anseiam dar à luz e as vítimas da incapacidade e irresponsabilidade, a sociedade adoce e envelhece. Contudo, a Igreja foi e é sempre como uma Mãe ao serviço dos pobres, das crianças e das famílias. Nas linhas da frente, por esse mundo além, na gratuidade, abundam, e tantas vezes discretas e em alto risco, vocações e Instituições que

procuram minorar o sofrimento dos mais frágeis. Acontece que a situação em Portugal, também para a acção eclesial, nas situações de pobreza e promoção social, parece-nos ter ficado demasiado açaimada pela intervenção estatal, de índole mais totalitária. Tarimbado nos tugúrios, nos hospitais, nas prisões, o Padre Américo dedicou-se também aos rapazes da rua, pois, há 80 anos, foi o que o deixaram fazer... E hoje? Já que nenhuma criança se deve perder e toda a conjugação de esforços é salutar, o respeito legal pela matriz eclesial, às vezes, não passa de uma falácia.

Neste *amoris officium*, qual grão de areia, seguindo as pegadas do Bom Pastor, têm sido autênticas vias sacras dos barracos às escadas dos Magistrados, em defesa dos frágeis, o que não nos tem dado tréguas. Quando se conhece verdadeiramente como sobrevivem os mais fracos, a nossa voz, por vezes, tem de estar prudentemente calada, porém deixa-nos impacientes e com vontade de falar sobre os telhados, com a certeza de quem vislumbra o Caminho da Vida. Basta-nos esta dica: sempre que uma mãe traz um filho no ventre e é ajudada e bem aconselhada, salvam-se os dois ou mais. Aqueles meninos que não nascem pela dita *interrupção voluntária de gravidez* e outros que andam ao *deus dará*, mesmo sem regras ou não as acatando, deixam-nos problemas graves até de sobrevivência nacional, cujos remédios passam necessariamente também pela prevenção, veja-se a questão do alcoolismo juvenil e outras dependências. A felicidade nas famílias não implica facilidades ilusórias, mas medidas consistentes, económicas e laborais e de defesa segura da vida nascente, como prioridade nacional de protecção e justiça social. Quando o grito dos pobres e a acção da Igreja não são escutados nem considerados, o azeite vai-se derramando e choram-se lágrimas sem se ver um horizonte de esperança. Quem se fecha em relatórios e números e não conhece de verdade as pessoas de carne a sangrar e ossos à vista, pode enganar-se nos seus juízos. O tecnicismo puro e duro passa ao lado do padecimento das pessoas desamparadas.

Numa visita domiciliária a uma família desalojada, saiu-nos logo à rua outra mãe com uma filhita doente, sem trabalho e sem nada. Mais, em sede judicial, um pai advogou até à exaustão o seu esforço sobre-humano: — *Consegui um horário de trabalho até tarde e não posso tomar conta do meu filho, com a separação. Mas, não o quero perder!* Vieram-nos logo ao coração as palavras do Mestre: *E a vontade d'Aquele que Me enviou é esta: que Eu não perca nenhum dos que Ele Me deu. A paixão dolorosa dos mais frágeis e perdidos pode e deve ser uma paixão vocacional que há quem não queira perder. No Reino dos céus não caberão só as crianças, mas aqueles que se lhe assemelham.* □

SINAIS

Padre Telmo

O Malamba, nosso desde pequeno, hoje em Luanda formado em economia, pediu-me os nossos jornais d'O GAIATO para tornar a nossa Obra mas conhecida em Luanda. Mandámos. Gestos que vêm de encontro à urgência de pormos o Jornal na rua. Muitas vezes me interrogo: Padre Américo teria retirado? Se o lermos com amor e atenção, diremos — não.

Foram as ajudas do Povo que ergueram as nossas Aldeias do Gaiato, e o Povo conheceu-nos nas igrejas, na rua e salas de espectáculos... Voltamos ao caminho.

Temos recebido ajudas do grupo dos nossos gaiatos que tem os seus empregos. Alguns se quotizaram mensalmente. Padre Américo diria: é uma graça e um consolo.

Outro grupo, menos favorecido, quando em necessidade, vem ter com o Padre Rafael que — quando razoável — os atende. Somos família.

Primo Velho e Sabú, antigos gaiatos, estão voluntariamente a dar uma ajuda na feitura dos parques do gado. Uma ajuda valiosa!

A *Sanangol* deu-nos uma ajuda. Com ela, reparamos as Escolas, casa 3 e Capela. Parámos.

O resto da aldeia: casa 1, casa 2, casa-Mãe, Posto Médico e casa das Irmãs estão a pedir misericórdia. Sentimos a urgência. Não podendo esperar mais, o nosso Padre Rafael com os mais velhos e a sua experiência, unidos de martelos e ponteiros, estão a atacar os quartos dos «Batatinhas». À noite, falamos: Dinheiro dos azulejos? Vendemos dois bois.

Os nossos pequenos construtores não querem parar mais. Também a tua ajuda não vai parar. Pode ir ter ao Banco B. P. I. Casa do Gaiato de Malanje 9-0158273.000.001.

Que o Senhor dê uma pancadinha no teu coração. □

MALANJE

Padre Rafael

Sem o Bispo nada

ANTES de vir para o Calvário, o meu Bispo, que foi eleito recentemente, perguntou-me se era missionário em África. De imediato respondi que era «Padre da Rua»... Ficou surpreso, pois nunca ouvira falar dessa Instituição. Continuei explicando-lhe que servia na Obra da Rua. Terminou perguntando-me a que Bispo teria de pedir que me assistisse enquanto estivesse fora da Diocese. Nesse momento fiquei na dúvida: será ao Bispo de Malanje ou ao Bispo do Porto? Respondi-lhe assim: — Quando regressar de Portugal, em Maio, lhe direi.

A 3 de Julho de 1965, os Bispos que, naquele tempo, tinham padres na Obra da Rua ou tinham a Obra ao serviço nas suas dioceses, aprovaram o que, hoje, conhecemos como *Normas de Vida dos Padres da Rua*. Este ano completam-se 50 anos deste acontecimento. Os «Padres da Rua» precisam da palavra dos seus bispos, para os ajudarem nesta difícil tarefa. Necessitam de sentir-se acompanhados, interpelados, apoiados... pois o que realizam, o fazem em comunhão com a Igreja diocesana.

Hoje, quero trazer à memória Mons. Luís María Onraita, Arcebispo Emérito de Malanje, que faleceu recentemente. Para Mons. Luís María, a Casa do Gaiato era uma família. Ele vinha sem se anunciar, sentava-se à mesa a comer ou a tomar um café, dava-nos um puxão de orelhas quando era preciso... era um Pai para nós.

Neste tempo que corremos, não queremos fazer nada sem os nossos bispos. E isso inclui os bispos de cada padre da Obra da Rua e os bispos das dioceses onde estão implantadas as Casas do Gaiato. E como não aquele a quem se encomendou a Obra: o Bispo do Porto. Os «padres da Rua» são chamados a tornar visível o rosto da Caridade nas nossas dioceses, e a que o nosso Pastor possa, através do nosso apostolado, sentir-se também Pai dos pobres.

Que Nossa Senhora de Fátima confirme, no coração dos nossos Pastores, este amor pela Obra da Rua e o desejo de continuar a velar pelos «padres da Rua». □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

trabalho de amparo e socorro aos Pobres, quis fazer obra que fosse “sua”. Ele sabia-se um Sacerdote da Igreja, inserido na Igreja, servindo em nome da Igreja. Não foi só nos escritos que ele repetia a palavra de Santo Inácio: *Nihil sine Episcopo*; foi, antes de mais, nas suas atitudes e nos seus gestos. Daí lhe vinha a “segurança” e a autenticidade do seu apostolado. Este é o selo das obras que não morrem.

«A Obra da Rua continua viva depois da morte do seu Fundador.» Pelos Sacerdotes diocesanos que «receberam a específica missão de evangelização dos Pobres (...) a Igreja quer estar presente no mundo dos nossos irmãos “mais caídos e mais abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável” (...) Dada, porém, a sua missão específica, regem-se também, no exercício desta, por normas que foram colhidas no contacto pessoal e na meditação dos escritos do Fundador, tendo muitas dessas normas a própria redacção literal dele», e se constituíram nas *Normas de Vida dos «Padres da Rua»*, a que voltaremos. □